

## “CLARA DOS ANJOS” EM HQ E A FORMAÇÃO DO GOSTO

### PELA LEITURA HOJE

Thayse da Cruz Pereira Belém<sup>1</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Caetité, Brasil

#### RESUMO

O presente trabalho estuda o processo de adaptação quadrinística do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, feita por Lelis e Wander Antunes, tendo como objeto de investigação a interação entre o verbal e o não-verbal, promovida pela linguagem dos quadrinhos, e definida por PINA (2012) como linguagem híbrida. Pretendemos discutir de que forma a adaptação apresenta elementos que seduzem o jovem leitor contemporâneo, aproximando-o da obra canônica e influenciando-o na formação do gosto pela leitura. É importante ressaltar que as Histórias em Quadrinhos não são literatura e nem substituem a leitura de uma obra clássica. Pois, segundo Ramos (2009, p. 17), “Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos”. As adaptações quadrinísticas despertam o gosto pela leitura, fazendo com que o leitor sinta desejo de ler a obra-fonte. No entanto, ressaltamos que o uso das HQ para Vergueiro e Ramos (2009) depende de uma mediação eficiente, feita principalmente pelo professor, já que a linguagem quadrinística, de acordo com Pina (2012), apresenta certa complexidade. Estudar o processo de adaptação do romance escolhido para análise, sua atualização, seus leitores implícitos e os caminhos de leitura construídos e implicitados na nova versão, os horizontes de expectativa que interagem nessa transformação, é uma forma bastante instigante de investigar a releitura do cânone no século XXI brasileiro, observando os elementos que o aproximam de nossas crianças e de nossos jovens, bem como uma maneira de reinventá-lo, a partir das práticas de leitura contemporâneas.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura em quadrinhos; leitor contemporâneo; literatura canônica.

É sabido que a leitura é de extrema importância nas práticas sociais do mundo moderno, tanto no plano individual, na formação de cidadãos críticos e reflexivos, quanto no plano social, no desenvolvimento de uma nação em seus diversos aspectos, político, econômico e cultural.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras com Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB-Campus VI, Caetité-Ba e Bolsista de Iniciação Científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico (CNPq), orientada por Patrícia Kátia da Costa Pina.

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

Entretanto, a falta de hábito de leitura, caracterizada principalmente pela deficiência no incentivo e a disputa do livro com uma série de entretenimentos que podem parecer mais sedutores, revela dados nada animadores sobre a aquisição e utilização desse bem cultural.

A pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil”, feita pelo Instituto Pró-Livro e realizada entre 11 de junho e 13 de julho de 2011, mostra que o brasileiro está lendo menos. De acordo com o levantamento nacional, o número de brasileiros considerados leitores – aqueles que haviam lido ao menos uma obra nos três meses que antecederam a pesquisa – caiu de 95,6 milhões (55% da população estimada), em 2007, para 88,2 milhões (50%), em 2011.

O ato de ler perpassa a ideia de que essa atividade constitui-se como um simples passatempo nas horas ociosas, ao contrário, a leitura traz vários benefícios, além de ser importante é enriquecedora, transforma o indivíduo no seu modo de pensar, agir e de ver o mundo. Segundo o Ministério da Educação (MEC) e outros órgãos ligados à Educação, a leitura desenvolve o repertório, aumenta o senso crítico, amplia o conhecimento geral, aumenta o vocabulário, estimula a criatividade, emociona e causa impacto, muda a vida do leitor e facilita a escrita.

Entretanto, diferentemente do leitor do século XIX ou XX, o leitor contemporâneo é cercado por uma cultura em que o apelo imagético é muito intenso, em que os gostos e valores são outros e em que os meios de comunicação são bem mais atrativos que um clássico literário com um intenso volume de páginas, por isso é preciso criar estratégias que aproximem esse leitor das obras canônicas e que criem o gosto pela leitura.

As adaptações quadrinísticas atendem a essas necessidades, pois trabalham com o não-verbal, com o lúdico, com elementos que prendem a atenção e mexem com o imaginário da criança e do adolescente e bem mais que isso formam leitores críticos.

A edição analisada nesse artigo é da editora Companhia das Letras (*Clara dos Anjos*). Livro póstumo de Lima Barreto, concluído em 1922 e publicado em 1948, é exemplo de denúncia social, que aborda as condições de vida do negro, recém-saído da escravidão na sociedade no início do século XX.

Seguindo essa mesma temática, Marcelo Lelis (ilustrador) e Wander Antunes (roteirista) adaptam o romance barretiano para a linguagem quadrinística. Nessa adaptação, o ambiente de *Clara dos Anjos* é recriado de maneira fiel pelos adaptadores, que se

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

apoiaram em fotografias e gravuras da época. E narra a história de Clara, uma jovem mulata pobre, do subúrbio carioca, filha única do carteiro João dos anjos e da dona de casa D. Engrácia e que é seduzida por Cassi Jones, um malandro de posição social melhor que a sua e notório galanteador. Clara se envolve com Cassi e engravida dele, o rapaz desaparece em seguida, deixando a jovem sozinha e fazendo-a refletir sobre sua situação na sociedade.

Frente a tantos benefícios que a leitura proporciona, espera-se que o professor nos dias atuais seja também um leitor para que possa incentivar seus alunos a se tornarem leitores com o intuito de se ter uma educação cada vez melhor. Para que isso se efetive é indispensável que o professor seja bem preparado, capaz de levar para sala de aulas meios que despertem o interesse e a atenção do estudante e principalmente que ele esteja ciente de seu papel dentro de uma escola, que ao contrário do que se pensa não é o de sujeito e sim o de mediador, pois sujeito é o estudante e o objeto é o conhecimento, como afirmam os PCN de Língua Portuguesa de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série:

Pode se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa, como prática pedagógica, resultante da articulação de três variáveis: o aluno, os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem, a mediação do professor.

O primeiro elemento dessa tríade- o aluno- é o sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento- o objeto de conhecimento- são os conhecimentos discursivo-textuais e lingüísticos implicados nas práticas sociais de linguagem. O terceiro elemento da tríade é a prática educacional do professor e da escola que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento. (BRASIL, 1998, p. 22)

É preciso que o professor, além de conhecer o seu papel, também se conscientize sobre sua formação, que não termina com a diplomação de licenciado, mas que é um processo contínuo e permanente, pois o desenvolvimento profissional constitui-se como um elemento imprescindível para que se tenha um ensino de qualidade, relevante e significativo para os alunos. Para isso é necessário que se criem mecanismos possíveis de formação inicial e continuada que correspondam às expectativas da sociedade. Vemos a importância dessa formação continuada na introdução aos parâmetros curriculares nacionais do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (BRASIL, 1998, p.38):

A formação continuada em serviço é uma necessidade, e para tanto é preciso que se garantam jornadas com tempo para estudo, leitura e discussão entre professores, dando condições para que possam ter acesso às informações mais atualizadas na área de educação e de forma a que os projetos educativos possam ser elaborados e reelaborados pela equipe escolar. Os professores devem ser profissionais capazes de conhecer os alunos, adequar o ensino à aprendizagem, elaborando atividades que possibilitem a ação reflexiva do aluno. É preciso criar uma cultura em todo o país, que favoreça e estimule o acesso dos professores a atividades culturais, como exposições, cinemas, espetáculos, congressos, como meio de interação social.

Se o professor optar por essa formação continuada, ou seja, por querer estar sempre se aperfeiçoando e buscando se manter atualizado em estudos e pesquisas, ele poderá criar condições para sair do modelo tradicional de ensino e levar para sala de aula atividades que despertem nos estudantes o gosto pela leitura e que principalmente formem leitores sujeitos, capazes de perceberem a sua condição social que desejem participarem e atuarem na sociedade na qual estão inseridos.

O leitor sujeito, formado a partir da mediação do professor, é aquele capaz de relacionar o que está sendo lido com seu contexto e trazê-lo para sua realidade social com o objetivo de crescer como cidadão autônomo e participativo. É aquele capaz de realizar uma leitura completa, como afirma Freitas (2012, p. 80):

Para uma leitura completa e bem sucedida, espera-se que o leitor, depois de percorrer o caminho inicial, que trata da decodificação e compreensão do vocabulário e de ter vencido a etapa da leitura objetiva, momento em que explora e responde perguntas que se encontram explícitas no texto, seja capaz de passar para a fase seguinte, que é aquela em que deve mostrar a habilidade de fazer inferências, ler nas entrelinhas, compreender o que está implícito, valendo-se de pistas contextuais e de seu conhecimento de mundo para estabelecer conexões, o que é indispensável para a compreensão.

Na introdução ao livro *A experiência da leitura* (2003), Eliana Yunes nos propõe uma formação de leitores, em que o processo de leitura é destituído de toda carga avaliativa e quantitativa que atualmente algumas escolas vem oferecendo a ela. Para essa autora a leitura deve se constituir para o leitor, principalmente para os iniciantes uma experiência, isso implica que ela seja vivida e sentida.

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

Lembrando que o termo leitura não se refere apenas aos textos verbais, já que estamos a todo o momento lendo o mundo a nossa volta, pois são múltiplas as linguagens que nos cercam, disputando nossa atenção. Aliás, os textos verbais são os que mais perdem espaço no universo contemporâneo, dando lugar para o não verbal.

Por tais razões, a escola deve se empenhar em levar para a sala de aula esses recursos, que com a mediação do professor tornam-se poderosos instrumentos educacionais. Isso não significa a abolição dos recursos que não se encaixam nesse patamar, como a literatura por exemplo. Faz-se necessário, então, criar estratégias como traduções e adaptações que possibilitem a conciliação entre essas linguagens e a aproximação do estudante com a escola.

Uma das formas de adaptação da linguagem literária que pode e deve ser usada pelos educadores para formar o gosto pela leitura e aproximar o leitor da obra é a quadrinística, é exatamente isso, literatura em quadrinhos, pois:

Em tal contexto, as adaptações podem funcionar muito bem como alternativas aos resumos e aos fragmentos literários implantados nos livros didáticos. Elas trazem o lúdico e o diferente para o universo da criança e do adolescente, abrindo-lhes caminho para que construam formas críticas de lidar com ficção e com o real (PINA, 2012, p. 57-58).

Por muito tempo os quadrinhos foram vistos como algo que influenciava negativamente seus leitores, muitos pais e educadores achavam que:

(...) a leitura de toda e qualquer produção em quadrinhos teria consequências danosas para as crianças, como dificuldades na aprendizagem escolar, influências no comportamento familiar, diminuição da capacidade para o pensamento lógico e afastamento da realidade (VERGUEIRO, 2009, p. 89).

Para reverter essa imagem negativa dos quadrinhos algumas iniciativas foram tomadas, entre elas a criação de histórias em quadrinhos apresentando um conteúdo direcionado a temas educativos que possibilitavam a aprendizagem e a transmissão de conteúdos, também eram abordados temas religiosos e de educação popular.

E há quem ainda torça o nariz para esse tipo de linguagem, isso porque desconhecem o potencial dessa arte, que vai muito além do entretenimento ou da diversão. Na verdade, os quadrinhos são defendidos e disseminados por muitos pesquisadores e por

isso se desenvolvem cada vez mais. Atualmente as HQs são um tipo de obra muito comum, principalmente no exterior. Segundo Carvalho (2006, p. 29):

Os números de vendas também são bastante impressionantes. Apenas nos Estados Unidos, os principais títulos de super - heróis - gênero mais consumido naquele país e que totaliza mais de 20 revistas – vendem em torno de 1000 mil exemplares mensais cada um.

Segundo Vergueiro e Ramos (2009, p. 7). “Histórias em quadrinhos é Arte. E ponto final”. Sem mais questionamentos sobre sua definição é preciso reconhecer que elas vêm ocupando um destacado e merecido lugar no mercado livresco. E além de estarem atingindo diversos setores e camadas da sociedade, são pesquisadas academicamente, lidas por diversas faixas etárias e usadas nas salas de aula como uma poderosa ferramenta educacional, sobretudo na formação do gosto pela leitura.

O governo federal tem acreditado e apostado nessa ferramenta, desde o ano de 2006 que as histórias em quadrinhos passaram a serem incluídas na coleção do PNBE. Segundo dados do FNDE em 2013 serão 29 diferentes títulos de HQs distribuídos na rede pública de ensino além dos que já foram distribuídos nos anos anteriores.

Essas adaptações literárias são estratégias de aproximação entre obras canônicas da literatura brasileira e o leitor contemporâneo. Entretanto, sua qualidade não se resume a de instrumento pedagógico que produz efeitos no ensino de literatura e na formação do leitor; sua linguagem híbrida que mescla o verbal e o não-verbal, é que demarca sua singularidade com infinitas possibilidades de exploração (PINA, 20012).

Não se pode, todavia, pensar que, por se tratar de adaptações, elas devam obrigatoriamente copiar a obra-fonte, ao contrário, os quadrinhos como arte autônoma agregam aspectos de sua linguagem à linguagem literária. É essa autonomia o fator fundamental para sua relação com a leitura e a formação do gosto de ler entre crianças e adolescentes, os quais se afastam, quanto aos valores e ao repertório, dos leitores oitocentistas e novecentistas. Por isso é que se questiona se a literatura clássica ainda consegue atender às necessidades de consumo do leitor do século XXI acostumados com outros tipos de leitura e possuidor de outros comportamentos culturais.

Ressalta-se que não se pretende relegar a importância de se passar a tradição literária às novas gerações, é preciso criar mecanismos para se ensinar literatura clássica, usando estratégias que aproximem obras do passado dos leitores do presente, a partir do que estes conhecem e gostam: HQ!

Essas adaptações apresentam ótimas estratégias para conquistar o leitor e prendê-lo na trama adaptada, é o que ocorre na edição analisada nesse artigo. A forma como o negro é representado visualmente na adaptação de *Clara dos Anjos* contribui para que o leitor crie gosto pela leitura.

Embora o romance tenha sido escrito em um período pós – abolicionista, em que os negros se encontravam em uma complicada situação social, pois muitos não possuíam moradias ou emprego fixo e ainda sofriam com a discriminação racial, Clara dos Anjos e sua família são representados em uma situação bem distinta. João dos Anjos, pai de Clara, era funcionário dos correios e trabalhava sozinho para manter a casa, o que indica ter ele uma situação financeira estável, além de possuir sua própria moradia, mostrando que o negro também é capaz de ter uma vida digna.

A vinheta abaixo, retirada da adaptação, mostra como os adaptadores fizeram a releitura da obra e como representam esses aspectos descritos acima.



Figura – Clara dos Anjos e sua mãe D. Engrácia na cozinha.

Fonte: LELIS; ANTUNES, Wander. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Observa-se que Clara e sua mãe estão na cozinha, o cenário, embora pequeno, é totalmente organizado, os utensílios domésticos estão devidamente colocados em seus lugares. No centro da cozinha tem – se uma mesa e encostada a ela, uma cadeira de madeira muito bem trabalhada. Percebe-se também a preocupação em enfeitar o ambiente no jarro de flores colocado em cima da mesa, algo que não é tão comum em casas muito simples.

A mãe de Clara, D. Engrácia, é representada como uma dona de casa, que não trabalha fora para ajudar nas despesas da casa como era de costume acontecer. D. Engrácia aparece muito bem arrumada, o vestido bem cinturado e o cabelo com um penteado elegante, demonstram a preocupação com a estética.

Esta vinheta é vista em plano geral, pois é possível observar o cenário e os personagens, o enquadramento utilizado pelo desenhista permite ao leitor ter a impressão de estar dentro do ambiente em destaque. Essa é uma estratégia muito comum nos quadrinhos, através dela, o leitor é transportado para dentro da história, como enfatiza Scott McCloud (2008, p. 19):



A escolha do enquadramento é o estágio em que você decide de quão perto enquadrar uma ação pra mostrar todos os detalhes pertinentes ou quanto recuar para que o leitor saiba onde uma ação está ocorrendo e talvez proporcionar-lhe ao mesmo tempo a sensação de estar lá.

Clara dos Anjos, filha única, assemelha-se à sua mãe no quesito de não precisar trabalhar, sua representação não se adequa aos estereótipos atribuídos aos negros na época em que a obra original foi escrita, seu vestido é feito com cores vivas, bem cinturado e com a gola muito bem bordada, os cabelos soltos são longos e lisos. Os traços do rosto de Clara são finos e delicados, além de conter focos de iluminação, que realçam seu brilho e beleza dando um destaque maior à personagem, e fazendo com que os olhos do leitor se voltem para ela.

O diferencial de Clara está no fato de ela saber escrever, ela passava grande parte do seu tempo copiando partituras musicais para seu pai, como se percebe na vinheta, e é justamente esse o elo que a une ao sedutor Cassi Jones: a música. Cassi tocava modinhas e Clara desde cedo já tinha contato com elementos musicais, já que seu pai também cantava nas horas vagas. “Esse gosto é contagioso e encontrava, no estado sentimental de Clara, terreno propício para propagar-se” (BARRETO, 2001, p. 54).

As cores também apresentam informações ao leitor, além de causar nele a sensação desejada pelo desenhista, que escolhe propositalmente cada tom. Para Ramos (2009, p.87):

A cor faz parte dos quadrinhos, embora ainda seja um recurso ainda pouco estudado nessa linguagem. São signos plásticos que contêm informação ora mais relevante para a compreensão do texto narrativo, ora menos. Mas sempre com conteúdo informacional e inserida no espaço do quadrinho, onde se passa a cena narrativa.

Na vinheta em destaque, as cores em tons de ocre em que são pintadas as paredes, os móveis e os utensílios domésticos, são escolhidas cuidadosamente para representar a simplicidade do subúrbio, são cores desbotadas que evidenciam a condição precária de vida dos moradores desse lugar. Esses elementos são essenciais para situar o leitor no cenário que se quer destacar, mexendo com seu imaginário e fazendo com que ele viva completamente a história narrada e criando o gosto pela leitura.

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

Na trama adaptada, Cassi Jones é um salafório sem escrúpulos que seduz e engana as mocinhas frágeis e ingênuas da época, e depois de conseguir desonra-las, desaparece sem se importar com as consequências. Nenhuma escapa aos seus olhos.

Clara dos Anjos, conhece Cassi Jones através de Lafões, um amigo de seu pai, que promete levá-lo para conhecê-la no dia da sua festa de aniversário. Ao ouvir falar do rapaz, Clara se empolga e não para de pensar nele, o desejo de vê-lo de perto aumenta cada dia mais.

Dias antes de seu aniversário, Clara vai até a casa da costureira, chamada Dona Margarida, vizinha sua, para experimentar um vestido, como mostra a imagem:

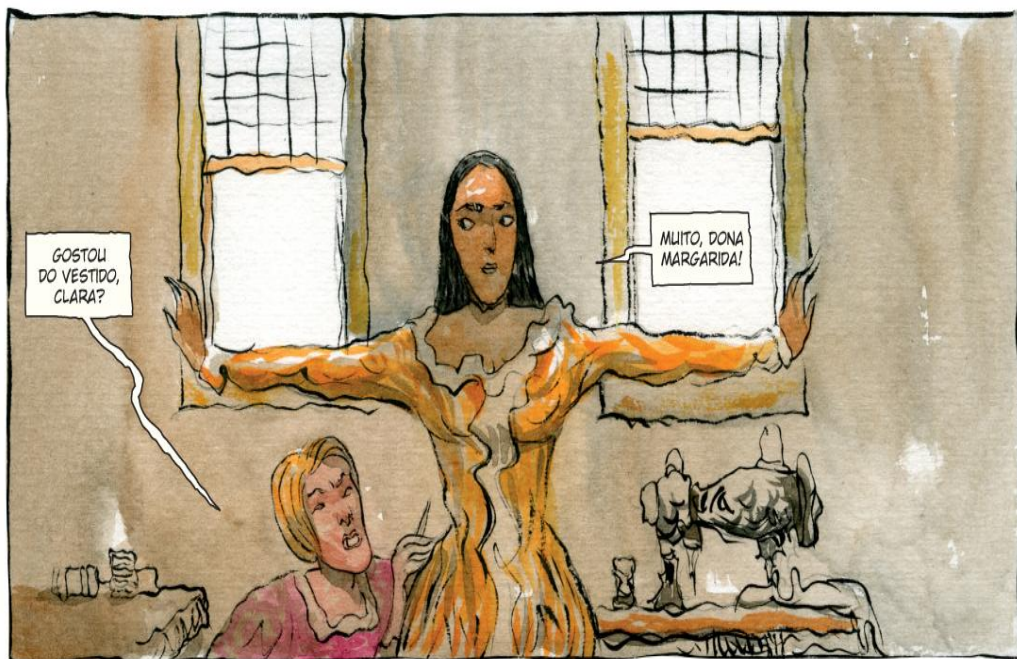


Figura – Clara dos Anjos experimentando um vestido na casa da vizinha.

Fonte: LELIS, ANTUNES, Wander. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Companhia das Letras., 2011.

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

Nesse momento, Cassi Jones ainda não havia desonrado Clara, entretanto, a consumação do ato estava prestes a acontecer e observando a vinheta indicada é possível perceber que os adaptadores adiantam ao leitor que algo terrível iria acontecer com a jovem.

O enquadramento da vinheta permite ao leitor ter a impressão de ver Clara bem distante e em uma altura bem maior que a sua normal. Os braços de Clara estão estendidos e suas mãos abertas parecer estar fixas nos umbrais das janelas, a posição em que a jovem está representada remete à imagem de Cristo crucificado, a cor do vestido que Clara está usando, também reforça essa ideia. O tom amarelado lembra a cor do material em que a cruz é feita: a madeira, além de ser usada nos semáforos para indicar atenção. Para Ramos (2009, p. 114): “As expressões faciais e as metáforas visuais se somam aos gestos e à postura do corpo. Ambos têm de estar em perfeita sintonia com a imagem representada, de modo a reforçar o sentido pretendido (...)”.

Todos esses elementos devem ser percebidos e analisados nos quadrinhos, pois eles contribuem para dar sentido e enriquecer a história e são escolhidos propositalmente para prender a atenção do leitor, envolvendo-o na trama e fazendo com que ele desperte seu gosto para prosseguir na leitura.

Podemos observar que o rosto de Clara apresenta focos de luz, ela ainda está inconsciente sobre o que vai lhe acontecer, por isso seu rosto permanece iluminado, fazendo com que o leitor entenda que, apesar do mal previsto, Clara está cheia de sonhos e esperanças.

Finalmente chega o dia da festa de seu aniversário e Clara conhece o tal Cassi, e se encanta por ele, principalmente ao vê-lo tocar modinhas. Depois disso, passa a se encontrar com ele as escondidas, pois seu pai ao ouvir falar sobre a fama de malandro de Cassi, não aceita que ele vá à sua casa.

Depois de desonrar Clara, Cassi foge para outra cidade, a moça então descobre que está grávida e que o rapaz havia fugido, então ela percebe que fora verdade tudo que falavam sobre ele. Clara decide pedir um empréstimo a D. Margarida, que desconfia da moça e ao descobrir que ela estava grávida, vai imediatamente contar a verdade à mãe de Clara.

D. Margarida decide então procurar a família de Cassi para contar o que o rapaz havia feito e para obrigá-lo a casar-se com clara. Entretanto, a mãe de Cassi com suas

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

presunções fidalgas, repugnava a hipótese de ver o filho casa com uma “negrinha” como ela mesma se refere a Clara. A jovem consciente de sua condição em uma sociedade em que o preconceito ainda permanecia fortemente arraigado, volta para sua casa sem nenhuma solução.

Na vinheta abaixo o leitor consegue ter uma noção da triste situação de Clara:



Figura – Clara dos Anjos após ser abandonada por Cassi Jones.

Fonte: LELIS, ANTUNES, Wander. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Companhia das Letras., 2011.

Diferentemente da primeira vinheta analisada, o rosto de Clara não está mais iluminado, pelo contrário é tomado por uma sombra escura, o semblante é de total tristeza, os olhos estão fechados e os lábios comprimidos, o lenço segurado por Clara enfatiza no leitor a ideia do sofrimento da jovem, que chora sem ver uma solução para seu problema.

As emoções sentidas pelas personagens precisam ficar bem claras ao leitor para que ele possa senti-las também, por isso os quadrinistas usam das estratégias, como cores e traços para provocar essa emoção, como afirma McCloud (2008, p.81):

Quase todas as histórias podem ser avaliadas segundo sua habilidade para provocar emoções no leitor, ainda que as emoções não sejam seu objetivo primário e não há caminho mais forte para as emoções de seus leitores do que as emoções dos personagens que você cria para eles.

O balão de fala acima de Clara também realça seu sofrimento, consciente do preconceito e de sua exclusão na sociedade ela afirma: “Ninguém se importa com nossa desgraça...snif!... com o mal que nos fazem...”.

Embora Lima Barreto represente Clara em um processo de exclusão, ele se diferencia de outros escritores, pois ele a representa como um sujeito que pensa e tem voz, que mesmo discriminada tem consciência sobre sua condição na sociedade.

A representação visual do negro nessa adaptação contribui sem dúvida para despertar no jovem contemporâneo um gosto especial pela leitura, a forma como os adaptadores exploram os recursos da linguagem quadrinística faz com que o leitor se envolva na trama e se identifique com ela, seja como vítima, na condição de dominado, seja como autor, na condição de dominante.

Desse modo, percebe-se mesmo sendo ainda pouco explorada nas escolas, as HQ incomodam o leitor de alguma forma, ativam seu senso crítico e sua percepção, além de que são bem mais agradáveis de se ler, pois condensam aspectos verbais com os não verbais e tecem uma verdadeira obra de arte. Elas também ajudam o leitor na criação dos personagens dentro de sua imaginação.

Nesse universo em que a leitura está sendo fragmentada, é preciso apostar em elementos que fascinam o jovem de hoje, por isso é que as adaptações quadrinísticas merecem ser testadas, como salienta Pina (2012, p.124)

Assim entendo que as adaptações dos clássicos para a linguagem dos quadrinhos podem, sim, entrar com grandes vantagens no infinito jogo da formação do gosto pela leitura literária na contemporaneidade, acercando-se não apenas dos pequenos leitores, mas viabilizando a interação com diferentes segmentos etários e sociais do potencial leitorado brasileiro.

Portanto, realça-se novamente a importância de se trabalhar com essas novas linguagens para destruir os paradigmas que estão formados acerca do ato de ler. Reverter essa situação é possível, depende apenas de saber aproveitar essas sugestões.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. *Clara dos anjos*. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.) ... [et al.]. – *Leitura e Mediação Pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2002.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, DJota. *A educação está no gibi*. Campinas: Papyrus, 2006.

LELIS; ANTUNES, Wander. *Clara dos Anjos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

McCLOUD, Scott. *Desenhando quadrinhos*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2008.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura em Quadrinhos*: arte e leitura hoje. 1ªed. Curitiba: Appris, 2012.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS, Paulo (orgs.). *Muito além dos quadrinhos*: análises e reflexões sobre a 9ª arte. São Paulo: Contexto, 2009.

YUNES, Eliana e OSWALD, Maria Luiza (orgs.). *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.